

## REVELAR.SI: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA FORMATIVA DE GÊNERO COM ADOLESCENTES PERIFÉRICAS NO RECIFE

Carla de Paula Campos<sup>1</sup>  
Eugênia de Paula Cordeiro<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente relato de experiência<sup>3</sup> busca descrever parcialmente a vivência do projeto Revelar.si, uma ação educativa não formal para adolescentes periféricas da comunidade do Coque em Recife, projeto este de educação não-formal que possui um direcionamento feminista, porém se desloca do que é empreendido normalmente como formação feminista. Utilizando práticas educativas que trabalham a dimensão reflexiva subjetiva além da social, pode ser visto como um processo formativo que se respalda numa visão butleriana sobre os questionamentos em torno do gênero feminino, além de ser amparado pela visão integral de educação de Policarpo Junior (2012).

**Palavras-chave:** educação não-formal, gênero, subjetivo, adolescentes, periféricas

### 1. Introdução

O texto que se segue é um relato de experiência parcial sobre o projeto formativo Revelar.si, voltado para adolescentes de gênero feminino na comunidade do Coque, localidade que é considerada favela na cidade do Recife, e pretende descrever sobre uma possibilidade de deslocamento da noção que normalmente se imagina como experiência de formação feminista, compreendendo esse distanciamento através do entendimento de Butler (2019) no que tange à própria construção do status de gênero. Essa ligeira ruptura contribui para a construção de novos olhares sobre a prática pedagógica de teor feminista e assim novas formas de empreender esse tipo de conteúdo.

O Revelar.si é um projeto de educação não-formal criado em 2017 e perdura até o momento presente no NEIMFA<sup>4</sup> (Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis), instituição que oferece práticas de educação não formal e espirituais voltadas à população do Coque desde 1986 e que atua com fundamentos de formação humana. Para fundamentar a prática educativa do projeto, utilizaremos alguns argumentos sobre uma perspectiva integral de educação a partir de Policarpo Junior (2012). Serão destacados três temas trabalhados na ação

<sup>1</sup> Estudante de mestrado em Educação/UFPE, carladepaulacampos@gmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora: doutora em Educação/UFPE, IFPE campus Recife, epaulabenicio@gmail.com

<sup>3</sup> Trabalho elaborado em cima de projeto de pesquisa de mestrado sob bolsa de pesquisa da estudante financiada pelo CNPQ.

<sup>4</sup> Para mais informações, consultar: <https://www.neimfa.org>. Acesso em 08 de agosto de 2019.

do projeto Revelar.si ao longo dos anos 2017 e 2018 - sexualidade, método FOFA e liberdade - e o relato será descrito com mais ênfase no roteiro da atividade do que nos efeitos e resultados pedagógicos, baseando-se em materiais como diários de campo.

## 2. Metodologia

A ação formativa Revelar.si acontece desde o início de 2017 na comunidade do Coque (situada na cidade de Recife), no NEIMFA. Nesses 2 anos e meio de prática entre mulheres condutoras de oficinas para adolescentes, foi-se trabalhando conteúdos através de 2 eixos (i) oficinas de práticas de cuidado e autoconhecimento individual e coletivo; e (ii) oficinas de fotografia. Cada eixo previa inicialmente 1 encontro por semana, mas por inúmeros motivos internos, o grupo se reuniu para cada atividade em intervalos que variaram de uma, duas ou até três semanas. O grupo de educadoras variou entre três e cinco do início do projeto até o momento atual e a oficina de práticas de cuidado e autoconhecimento individual foi se tornando cada vez mais sob minha responsabilidade. Os relatos destacados no presente trabalho referem-se aos anos de 2017 e 2018.

O grupo de educandas variou entre 5 e 13 adolescentes do gênero feminino do início até o momento atual, todas moradoras da comunidade do Coque com idades entre 15 e 20 anos, diferente da minha posição que é de moradora de bairro de classe média alta. Minha inserção na ação Revelar.si se deu pela proximidade com a instituição NEIMFA e o desejo de trabalhar gênero através de educação não-formal princípios de formação humana presentes na instituição. Este relato de experiência é um recorte de uma pesquisa-ação de mestrado de formato qualitativo, participante e exploratório. A escolha do Revelar.si como campo para este relato de experiência se dá pelo tipo de trabalho pedagógico empreendido que é reflexivo sobre a questão de gênero.

O presente relato de experiência tem como objetivo oferecer relevância ao teor metodológico e de conteúdo nas práticas adotadas nas atividades do Revelar.si em que exerci função de educadora. De toda forma, meu papel como pesquisadora, neste momento, é inegavelmente inseparável do papel de educadora no momento das atividades relatadas.

O pesquisador qualitativo reflete sistematicamente sobre quem é ele na investigação e é sensível à sua biografia pessoal e à maneira como ela molda o estudo. Essa introspecção e esse reconhecimento de vieses, valores e interesses (ou refletividade) tipifica a pesquisa qualitativa atualmente. O eu pessoal torna-se inseparável do eu pesquisador. Isso também representa honestidade e abertura para pesquisa, reconhecendo que toda investigação é carregada de valores (MERTENS apud CRESWELL, 2007, p. 187).

Para construção desta pesquisa participante de abordagem qualitativa e exploratória, foram consultados como instrumentos de coleta os próprios roteiros de atividades e diários de campo da autora deste relato, com ênfase nos procedimentos utilizados nas prática educativa.

### 3. Desenvolvimento

O problema da desigualdade de gênero é uma questão motivadora para a criação de um grupo de formação de adolescentes especificamente do gênero feminino no Revelar.si. Sobre isso, temos as teorizações de Butler (2019) que questionam veementemente a noção de gênero por considera-la uma derivação do próprio teor de construção social já existente no que se considera a natureza sexo. A autora transmite a ideia de que o sexo é ele próprio uma concepção social de natureza, um entendimento visto culturalmente como substancial. A questão da inteligibilidade de gênero que Butler explica como uma exigência social de linearidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo é uma produção jurídica fabricada culturalmente pelas instituições sociais. O poder institucional produz, na verdade, o que ele alega representar. E o binarismo oposicional entre sexos masculino e feminino permanece nos conceitos de gênero, garantindo a manutenção essencialista do ser. Como traz Butler (2019), gênero, na nossa cultura, é substantivo (mulher/homem) e não uma característica descritiva da experiência.

Dito isto, é desafiador partir de uma noção aprimorada da questão de gênero para o trabalho empoderador. O ofício pedagógico sistemático de produção de consciência dos papéis sociais de gênero pode incorrer na direção essencialista de forma facilmente despercebida. Sendo assim, a tarefa de fornecer, então, subsídios às educandas do Revelar.si, por exemplo, na prevenção à violação de seus direitos como mulheres é um ponto crucial e, sem dúvida, escorregadio. Levando em conta a construção social do que comumente se considera como vítima a partir dos aparelhos estatais de denúncia, o trabalho pedagógico do Revelar.si visa construir um campo “defensivo” (ou conscientizador) anterior às mulheres chegarem à condição de vítimas institucionais. Parte-se do pressuposto de que as atuações de conduta ofensiva de gênero já atingem a vida das adolescentes e mulheres muito antes de tornarem-se potenciais denunciantes, daí a ideia consiste em percorrer essas narrativas e trabalha-las como dispositivos de aprendizado.

O Revelar.si situado então numa instituição que tem como base a formação humana, o NEIMFA, experimentou a utilização de princípios e ferramentas inspirados numa concepção multidimensional de educação. O projeto permitiu-se dar importância a investigar o campo do autoconhecimento e de busca de algo que se possa chamar de autonomia emocional com o

intuito de aprofundar e fornecer ferramentas para um trabalho verdadeiramente empoderador de sensibilização de mulheres às suas próprias existências sociais e subjetivas. Um genuíno processo educativo coletivo é um projeto de convivência humana devidamente orientado no qual o educando seja tocado em diversas dimensões do seu ser, da sua personalidade, compreendendo-o como um sujeito integralizado (POLICARPO JUNIOR, 2012). Nesse sentido, aponta-se, portanto, para um trabalho de autoconhecimento priorizando a esfera subjetiva, porém de forma abrangente, como um universo aberto a inúmeras possibilidades, sem tratar a priori a questão da violência de gênero, mas dando abertura para que ela apareça naturalmente e tratando-a de forma estratégica.

Podemos afirmar que a questão de gênero no projeto Revelar si é trabalhada diminuindo o caráter uniformizador da experiência “ser mulher” como vítima, isto é, tentando afastar o status da mulher como sujeito de opressão, mesmo sabendo que as experiências de opressão de gênero tenham um caráter comum. Por isso, não se faz a chamada “formação feminista”. Sobre esse quesito, temos em Butler (2019) que

A urgência do feminismo no sentido de conferir um status de universal ao patriarcado, com vistas a fortalecer aparência de representatividade nas reivindicações do feminismo, motivou ocasionalmente um atalho na direção de uma universalidade categórica ou fictícia da estrutura de dominação, tida como responsável pela produção da experiência comum de subjugação das mulheres (BUTLER, 2019, p. 22).

A categoria gênero feminino, para Butler (2019), pode ainda carregar uma universalização do ser, o que termina por invisibilizar a experiência própria das mulheres em termos de localidade, etnia, geração, etc. Para tentar dar mais abertura ao que se chama conceitualmente de mulheres, o gênero deve ser assumido como “uma característica descritiva da experiência” e não “a experiência”. Dessa forma, o status de vítima torna-se apenas uma possibilidade da experiência humana feminina, então ele não seria um alvo central a se combater.

Podemos trazer como um panorama paralelo o exemplo que a autora Maluf (2010) trata em seu artigo sobre gênero, saúde e aflição. Ela contextualiza o campo da saúde mental no Brasil como atrelado ao discurso centrado na noção fisicalista da mulher, isto é, de “ciclo da vida” que se reduz às fases de adolescência gravidez, puerpério como objetos centrais das políticas oficiais de saúde, assumindo um modelo fortemente resumido ao paradigma biomédico. Essa questão nos fornece uma visão em termos da interface saúde mental e gênero, acrescentando-se a isso o processo de utilização da hipermedicamentação da subjetividade como recurso solucionador nas políticas públicas nacionais, denotando, mais uma vez, a forte dominação biomédica neste campo (MALUF, 2010).

Particularmente em relação ao tema gênero e saúde, grande parte das pesquisas acadêmicas, fontes de financiamento, políticas institucionais e governamentais, discursos e práticas militantes têm se dado em torno especificamente da questão da saúde sexual e reprodutiva – com ênfase em prevenção de DSTs-Aids, contracepção, aborto e saúde materna. Essa tem sido a “agenda comum” não explícita das diferentes esferas governamentais e militantes, em grande parte determinada pelas políticas de financiamento (e pelos órgãos de fomento à pesquisa), mas também pelas ações, estratégias e políticas de intervenção social vinculadas aos movimentos sociais e às ONGs. (MALUF, p. 38)

Na área da saúde, como se vê, nos é mostrado o modelo fiscalista biomédico, o que não é surpreendente, pois tratam-se ações, orientadas às mulheres, centradas na concepção de “sexo feminino”. No feminismo, nas experiências que podemos chamar de formativas com o objetivo do empoderamento feminino, pode-se facilmente incorrer num mecanismo parecido que utiliza práticas baseadas na concepção de gênero no sentido combatido por Butler (2019). Concentrar a formação educativa em práticas de conscientização sobre a desigualdade de gênero pode essencializar a ideia e a experiência de opressão, unificar o público, e implicar a cristalização do “sujeito oprimido”, tornando-o menos dotado de uma amplitude de conteúdos e ferramentas diversas que, ao invés de abrir o imaginário desses sujeitos, reduza-o a um sentido de opressão.

Trata-se de um ousado deslocamento do que se concebe popularmente como opressão de gênero, assumindo a integralidade do ser como prioridade no processo educativo, uma vez que não cristaliza a identidade de mulher como sujeito de sofrimento. Isso não significa preterir a questão do sofrimento de gênero, mas, em se tratando de um processo empoderador mais profundo, seria uma sensibilização para outras áreas da subjetividade humana.

A educação pode, todavia, ajudar desde o início a pessoa em desenvolvimento a entrar progressivamente em contato consigo mesma; pode apoiar as iniciativas das crianças a conhecer suas dimensões interiores como as emoções e sentimentos e pode ajuda-las a criar uma capacidade interna de dirigir a si mesmas e não se tornarem dominadas pelas forças emocionais e por tendências destrutivas. (POLICARPO JUNIOR, 2012, p. 103)

Essa educação se revela como um campo que detenha, por excelência, a função de promover um ambiente que estimule o educando a escutar-se, a entrar em contato com suas sombras<sup>5</sup>. A partir desse processo, aprender a conectar-se com o outro de maneira mais produtiva e solidária, exercitando respeito e apoio-mútuo, conhecendo-se e podendo desenvolver sua autonomia emocional capaz de governá-lo numa convivência mais sadia e, conseqüentemente, produzir

---

<sup>5</sup> Este conceito aparece em Policarpo Junior (2012), autor que se refere a ele como autoria de Jung, e que significa um lado do nosso *self* que demanda mais atenção, que não é facilmente acessado e que é mais difícil de ser aprimorado.



um campo de proteção mais eficaz contra a dominação social de gênero (POLICARPO JUNIOR, 2012).

#### 4. Resultados e discussão: destaques do processo interventivo do Revelar.si

O Revelar.si tem o objetivo de desenvolvimento pessoal e coletivo de adolescentes do gênero feminino, utilizando práticas de cuidado e o recurso da fotografia como dispositivos de produção de criatividade e subjetividade. A fotografia funciona como recurso técnico e artístico para desenvolvimento da criatividade, da autonomia e da reflexão em várias dimensões: social, estética, artística, política e psicológica. As práticas de cuidado e autoconhecimento individual e coletivo (que ficaram cada vez mais sob minha responsabilidade) funcionam como mecanismos de autorreflexão, de autoconhecimento e de produção de coesão e fortalecimento coletivo. As finalidades de cada eixo pedagógico se entrecruzam. Todo o trabalho adota um recorte feminista para a promoção do empoderamento.

Nas atividades que desenvolvi com as adolescentes utilizei as seguintes práticas: dinâmicas de grupo, jogos de diversão e temáticos, constelação sistêmica familiar<sup>6</sup>, meditação, rodas de conversa formais e informais, leitura reflexiva e produção de pequenos textos, exibição de pequenos vídeos, produção de esquemas gráficos de reflexão e desenvolvimento pessoal e de grupo, debates e reflexões através de imagens, de narrativas pessoais e de conteúdos orais. Tudo isso é feito invocando as narrativas da experiência como mulheres, questionando o feminino quanto aos papéis de gênero sociais e construindo outras narrativas “de dentro pra fora”. Do interno para o externo porque o aspecto socioemocional é uma prioridade no trabalho. A seguir, serão destacados os relatos de atividade de três temas distintos, em épocas diferentes, entre os anos de 2017 e 2018: sexualidade; utilização do método FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas, Ameaças); e liberdade.

##### 4.1 Relato 01: sexualidade

O primeiro destaque refere-se às primeiras atividades sobre sexualidade em meados de julho e agosto de 2017. Na primeira, a instrução inicial era cada uma, incluindo educadoras,

---

<sup>6</sup> Em Schneider (2007, p. 72) se explica Constelação como uma prática terapêutica em que é feita uma dinâmica de representações de elementos e categorias-chaves de um assunto que seja visto como um problema para uma pessoa. Em grupo, a dinâmica é feita com pessoas participantes que devem ser neutras ao problema e assumir representações. O terapeuta constelador, conduz a uma solução utilizando falas e novas posições. As interações são conscientes e atuam desde e para o sentimento. Esse processo é visto como transformador em nível terapêutico e espiritual.

escrever num papel a resposta para “quando descobri minha sexualidade?”, sem assinar. Em seguida, escutamos o conto *Mulher Esqueleto* de Clarissa Pinkola Estés do livro *Mulheres que correm com os lobos* que envolve conteúdos sobre corpo e relação sexual. Depois embaralhamos os papéis das respostas delas e fomos lendo aleatoriamente (sem tentar adivinhar quem escreveu). Conhecendo diversos relatos e trocando comentários sobre, mais uma vez estreitamos consideravelmente os laços entre educadoras e educandas, demos um passo na quebra do tabu sexual, além de ter sido divertido.

No outro encontro, um exercício de corpo sobre “experiências leves e pesadas”. A orientação era pensar em experiências passadas leves e pesadas do próprio corpo, sem falar; em seguida, uma por vez, fazer gesto como se passasse a energia da experiência para outra menina e esta última faria o gesto de recebimento, sequencialmente, todas em círculo. Depois, vimos um vídeo educativo sobre o clitóris; escutamos um fragmento de Clarice Lispector em áudio chamado “Se eu fosse eu”, para, em seguida, cada uma, escrever um pequeno texto como uma releitura deste fragmento, dessa vez com o título “Se eu fosse do meu corpo”. No encontro posterior, fizemos um jogo de perguntas e respostas sobre o assunto de sexualidade, envolvendo o que aprenderam no anterior, porém, fazendo uma divisão entre dois grupos de educandas, como se fossem times, cada um encarregado de responder às perguntas de forma enviesada: um elaboraria respostas a partir do viés do sentimento, o outro sob o viés do conhecimento.

Conhecer as narrativas pessoais sobre o que consideram início da sexualidade foi fundamental para discutirmos o assunto, além de pessoalmente, culturalmente, desconstruindo padrões comuns de normatização social. Trouxemos visões particulares e ao mesmo tempo amplas sobre o gênero feminino, desse modo, estimulando a confiança mútua - sempre frisamos a necessidade de tratarmos os relatos pessoais de forma respeitosa e sigilosa. O autoconhecimento sobre o corpo foi muito importante para a promoção da autonomia, entendida nesse contexto como mais capacidade de discernimento, de ação responsável e segura na área sexual. Elas não comentaram muitas coisas, escutaram muito mais do que falaram, parecia ser uma primeira quebra de barreira sobre as questões anatômicas da sexualidade. Os textos delas ficaram muito interessantes. Alguns trechos:

Educanda 1: Se eu fosse do meu corpo... Eu seria uma boca, onde pudesse experimentar e sentir o gosto de tudo, acho que seria também uma vagina pra poder ver e comandar tudo que entrar e sair e poder conversar com o que tá entrando, saber seu nome, o que quer ali, se é pro prazer ou simplesmente nada (...); Educanda 2: “Se eu fosse do meu corpo, eu rodopiava pela noite a fora, voltava não sei que hora, só quando desse vontade de deitar. Se eu fosse do meu corpo, eu voava no meio do vento, só pra passar o tempo, depois entrava no mar (...)”. (EDUCADORA 1 E EDUCADORA 2, 2017)

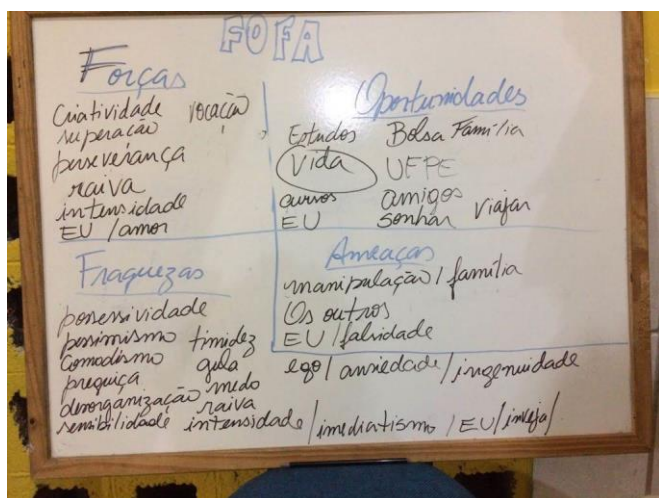
As produções textuais em forma poética permitiram dar vazão à expressão sem ser de forma objetiva. Sabemos que o tema da sexualidade é culturalmente “travado”, então o formato literário permite uma libertação mais confortável para momentos iniciais.

É possível dizer também que a prática dos gestos de passar e receber as experiências leves e pesadas teve a intenção de promover uma interação de nível espiritual. Baseado na terapia de Constelação Sistêmica, a experiência consistia em criar uma espécie de partilha energética coletiva, de modo que, sem precisar expor determinadas narrativas - que, ao serem expressas ao outro podem trazer uma grande carga de sentimentos ou serem impedidas pela timidez -, as adolescentes pudessem com essa partilha sentir maior empatia umas pelas outras.

#### 4.2. Relato 02: trabalho com o método FOFA: forças, oportunidades, fraquezas e ameaças

Em abril de 2018, aplicamos o método FOFA, primeiramente trazendo num quadro branco na parede para todas verem a explicação de cada um dos 4 aspectos: No “F” a pessoa deve descrever quais suas forças, qualidades e habilidades positivas internas; no “O” deve descrever as oportunidades externas que a cercam no seu ambiente, nas instituições que faz parte, na família, etc.; no “F” deve descrever as fraquezas internas, as qualidades negativas que a incomodam, atrapalham, etc; no “A” deve descrever as ameaças ao redor, ou seja, pessoas, circunstâncias, situações negativas que a incomodam, atrapalham, diminuem sua força. A Foto 01 é uma imagem do preenchimento coletivo.

Foto 01:



Fonte: a autora, 2018



Pedimos para as adolescentes escreverem seus elementos do FOFA individualmente no papel. Depois, em grupo, fomos completando o quadro com os elementos que elas traziam, de forma que se tornou um FOFA agrupado. Iam trazendo os elementos individuais e discutindo coletivamente, algumas corrigiam itens trazidos por não estarem sendo apontados na categoria correta (por exemplo, falar de preguiça como ameaça, quando, na verdade, é uma fraqueza interna). Outras se identificavam com elementos trazidos pela colega, provocando a autorreflexão. Discutimos sobre as oportunidades ao redor, ampliando o olhar sobre situações e pessoas. Algumas fizeram reflexões profundas, trazendo o próprio “eu” como oportunidade, isso foi incrível, acredito que a prática estimulou um olhar positivo sobre a própria vida. Trouxeram o eu como força também. Embora tenha havido um olhar autocrítico e reflexivo, pois o “eu” também apareceu em fraquezas e ameaças, me fazendo crer que elas estavam adentrando em suas sombras. A dimensão Fraquezas foi a parte mais repleta de elementos, percebi como um grande momento de desnudar-se, de trazer mais humildade no discurso sobre si, principalmente em coletivo, contribuindo para uma redução das fronteiras do ego.

#### **4.3. Relato 03: reflexões sobre liberdade nas diversas esferas da vida e no corpo**

Essa atividade aconteceu em julho de 2018, foi de minha elaboração, mas aplicada por outras duas educadoras. A princípio, foram feitos círculos no chão, cada um nomeado com uma das seguintes palavras: pensamento, ação, corpo, imaginação, arte, relação, conhecimento. Em seguida, pedimos para cada educanda ir pra dentro do círculo que representava a esfera da vida na qual sente que tem mais liberdade. Depois, cada uma posicionada dizer por que escolheu cada círculo, como se sente livre nesta dimensão, relatar experiências, etc.

Em seguida, todas deveriam ficar no círculo da palavra “corpo” e pensar sobre a liberdade do próprio corpo para, então, amarrar um lenço na parte do corpo onde sentem que não é livre. Com o lenço amarrado, sair do círculo e andar pela sala livremente refletindo sobre essa parte do corpo, quando ela deixou de ser livre, quais são as memórias que essa parte carrega. Esse debate foi bastante rico, elas puderam aprimorar sua noção de liberdade através da própria vivência. Posteriormente, foi exibido um vídeo motivador sobre mulheres negras e o seu empoderamento. Era uma data próxima a uma movimentação feminista na cidade que acontece em vários países. Foi feita uma conversa sobre o feminismo e a busca pela liberdade no corpo pelas mulheres.

Foi uma prática que estimulou a reflexão sobre liberdade como algo que se traduz internamente, de maneira a perceber alguma relação entre os registros subjetivos correlacionados com o estar no mundo, com a experiência menor ou maior de liberdade social.

A essa altura, meados de 2018, já havia uma intimidade e construção de uma rede de entendimento mútuo que nos deixava mais seguras em trabalhar a esfera social do corpo e adentrar na dimensão do corpo feminino como um lugar de vulnerabilidade. Entendemos que essa conscientização sociopolítica não deve vir desacompanhada de um apoio coletivo psicológico, por isso a maior segurança em trazer o tema.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho educativo pode ser encarado como um lugar de constante desafio de autorreflexão para a pessoa que se coloca na posição de condutora. As atividades descritas neste relato tocam em dimensões da psicologia humana, não só na esfera cognitiva, mas também nas consciências corporal, social, por exemplo, exercícios estes que podem invocar uma condição de educador sensível a noções de sua existência que extrapolam o “currículo”, ou seja, que alcançam níveis de reflexividade em sua própria vida. Muito do direcionamento e evolução das atividades descritas se deu a partir da minha formação acadêmica em ciências sociais, experiência anterior com o trabalho em políticas públicas para as mulheres (na Secretaria da Mulher de Pernambuco) e experiência como terapeuta integrativa, mas não só. Havia, além dessas experiências formais, uma sensibilidade presente às minhas próprias experiências enquanto mulher no mundo, à minha trajetória existencial, tudo isso funcionando como laboratório individual para elaboração dos conteúdos e práticas no Revelar.si.

A condição de formadoras do Revelar.si vinculadas a uma instituição embasada na formação humana, sobretudo, nos tornou sensíveis aos processos intersubjetivos que extrapolam o saber formalizado, nesse caso, especificamente em relação ao que estávamos acostumadas enquanto mulheres feministas a vivenciar como prática feminista. Foi nessa abertura da condição de educadora não-formal que houve espaço para uma reflexão onde vemos caber a proposta butleriana (2019) sobre a questão de gênero. É enriquecedor e surpreendente quando a prática educativa chega a lugares que podem ser subsidiados pela produção científica, isto é, quando o trabalho de educação atinge ele mesmo reflexões e fundamentos que podem ser fortalecidos por teorizações que encontramos no universo acadêmico.

Assim identificamos o trabalho do Revelar.si, um agrupamento de mulheres e adolescentes que pode servir como experiência inspiradora para explorar territórios diferenciados e mais profundos de trabalho com a questão de gênero. Porém, um empreendimento que evidentemente pode ser aprimorado através dos preceitos da formação humana, garantindo assim uma segurança teórica para fundamentar sua prática.

## 6. REFERÊNCIAS

- AQUINO, Estela M. L. Gênero e saúde: perfil e tendências da produção científica no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.40, 2006. P. 121-132
- BUTLER, J. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. 17<sup>o</sup> edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- CRESWELL, J. Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007. P. 186-210
- MALUF, S. W. Gênero, saúde e aflição: políticas públicas, ativismo e experiências sociais. In MALUF, S. W.; C. S. Tornquist (org). **Gênero, saúde e aflição: abordagens antropológicas**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2010. P. 21-68
- POLICARPO JUNIOR, J. Um caminho para uma vida integral e preciosa – Reflexões sobre espiritualidade e educação. In RÖHR, F. (Org.). **Diálogos em Educação e Espiritualidade**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012. P. 81-108